

REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Myrian Nunomura

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

Michele Viviene Carbinatto

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

Paulo Daniel Sabino Carrara

Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo

O presente estudo levanta uma discussão sobre a formação do profissional de Ginástica Artística. Foram entrevistados 36 profissionais que atuam na modalidade em diferentes instituições, que opinaram sobre a implantação de um “Programa de Formação para Profissionais de Ginástica Artística no Brasil”. Pela análise de conteúdo dos comentários a maioria mostrou-se favorável à implantação de um programa, e justificou-se amparada na perspectiva de progresso na carreira e na abordagem de objetivos mais específicos do que aqueles existentes nos cursos de graduação. A formação específica parece ser uma necessidade emergente, pois a necessidade de conhecimento para atuar na Ginástica Artística, em qualquer nível, é cada vez mais evidente.

Palavras-chave: Ginástica. Capacitação. Ensino.

Ginástica Artística e Formação Profissional no Brasil

A Ginástica Artística (GA) é uma das modalidades olímpicas mais tradicionais e está presente nos Jogos Olímpicos Modernos desde a sua primeira edição, em 1896 (PÚBLIO, 1998). Recentemente, a GA brasileira tem alcançado resultados expressivos em torneios internacionais como os Jogos Pan-Americanos, as Copas do Mundo e os próprios Jogos Olímpicos. Esses resultados devem-se, em grande parte, aos investimentos da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), que de 2001 a 2008 manteve um centro de treinamento. Além disso, são contratados técnicos experientes de outros países, para auxiliar os profissionais brasileiros, para atender às demandas do setor competitivo (FONSECA, 2012).

Mas não houve ações expressivas por parte das Federações em respeito à formação de profissionais brasileiros na GA, pois a maioria

dos técnicos estrangeiros atua exclusivamente em determinada instituição e não dissemina seu conhecimento e experiência (OLIVEIRA, 1997). Assim, a vinda de profissionais estrangeiros resolveria o problema, de forma imediatista, mas pouco contribui na formação dos técnicos que atuam no alto nível. Eventualmente, essas instituições oferecem cursos esporádicos, sem continuidade e supervisão, e não têm o objetivo de preparar futuros profissionais. Os cursos desenvolvidos com mais frequência são os de arbitragem e alguns cursos técnicos de curta duração.

A situação mais evidente de formação profissional brasileira corresponde aos cursos superiores de Educação Física e de Esporte. Em 41 instituições consultadas por Nunomura e Nista-Piccolo (2003), 35 oferecem a disciplina GA e sete delas também oferecem um aprofundamento. O fato nos levaria a concluir que a maioria dos profissionais que atua na modalidade estaria qualificada para orientar programas de iniciação, conforme as ementas das disciplinas. Entretanto, a grade curricular dos cursos de graduação não atende às necessidades de conhecimento para atuar na modalidade e poucos cursos oferecem uma formação especializada que vise à atuação na GA em níveis mais elevados de prática (NUNOMURA, 2001).

Isto ocorre porque os conhecimentos acadêmicos adquiridos em uma graduação específica não preenchem as necessidades de maior aperfeiçoamento técnico desportivo, pois seu objetivo é a formação generalista (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003). Sobre os docentes do ensino superior, esses consideram insuficiente o tempo disponível nas grades curriculares para o desenvolvimento da disciplina GA (FIGUEIREDO, 2009), o que incide em profissionais insatisfeitos com sua preparação (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003). Sem a preparação considerada necessária os profissionais tendem a se demonstrar inseguros para ministrar um conteúdo não vivenciado durante a formação profissional (THOMMAZO, 2006).

Assim, a seleção dos profissionais de GA para atuar em níveis intermediários e mais elevados baseia-se, predominantemente, na experiência de ex-atleta; e a maioria dos técnicos do setor competitivo foi ginasta e já atuava nessa profissão antes mesmo de sua formação (NUNOMURA, 2001). Em contrapartida, os profissionais com menor tempo de contato com a GA veem-se desestimulados a atuar na modalidade, pois não acreditam que sua formação possa concorrer com o prestígio de grandes ginastas (NUNOMURA, 2001; NUNOMURA;

NISTA-PICCOLO, 2003). Parte dos técnicos tenta aprofundar o conhecimento obtido nos cursos de graduação e buscam outras fontes de formação. Participam de clínicas, cursos, intercâmbios no exterior, entre outros recursos (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003).

Mas, ainda é possível observar práticas pouco apropriadas de certos profissionais nos clubes, nas escolas e nos torneios que acontecem no país. As crianças e os jovens são submetidos às cargas intensas e especializadas de treinamento e, ainda muito jovens, são inseridos no ambiente competitivo e pressionados a obter resultados (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010). Entre outras atitudes que poderiam comprometer a integridade de crianças e jovens, ocasionar prejuízos irreversíveis e/ou levar ao fenômeno burnout, ou seja, a desistência dos ginastas ainda quando muito jovens (NUNOMURA, 2004). Essas situações são ocasionadas porque os objetivos de muitos técnicos estão estritamente associados às competições e ao alto nível, em função das exigências das instituições onde trabalham (NUNOMURA; CARRARA; CARBINATTO, 2010).

Podemos verificar que em diversos níveis de atuação muitos dos profissionais necessitam de melhor preparo. Diante dessa realidade Brasileira, partimos para a investigação do contexto da formação profissional em outros países.

Ginástica Artística e Formação Profissional no contexto internacional

Há necessidade de conhecimento cada vez mais especializado de GA, à medida que o nível técnico da modalidade e de seus ginastas aumenta (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003). Em Portugal, nos EUA, no Canadá, e na Austrália, entre outros países, o trabalho integrado entre Associações, Governos e Federações possibilita atender a essa demanda do Esporte, ou seja, àqueles profissionais que pretendem progredir na carreira profissional, e a GA não é exceção. A seguir, apresentamos brevemente alguns dos programas de formação profissional no Esporte desses países, com ênfase na modalidade de GA.

Em Portugal, a Escola Nacional de Ginástica (ENGYM) é responsável em atender às necessidades de formação dos profissionais de Ginástica. A GA está dividida em níveis, do 1o ao 5o, de acordo com a qualidade técnica e a idade dos praticantes (PINTO; BARATA, 1999).

O modelo português vigente possui três valências: 1) Sociais ou não competitivas, englobam o estatuto profissional na área técnica; 2) Educativa ou Competitiva, engloba o estatuto profissional na área de treino desportivo; e 3) Desportiva, com atividades curriculares e desporto escolar, que inclui aperfeiçoamento e formação específica. Nessas diferem a Intervenção do profissional de acordo com os níveis preparatórios. A parte principal do curso possui matérias teóricas e técnicas, a prática pedagógica e créditos em ações pontuais ou atividades (ENGYM, 1999).

Nos Estados Unidos a United States of America Gymnastics (USAG) elabora uma série de materiais didáticos e publicações específicas para cada nível de formação proposto. Para Moskovitz (1991), o reconhecimento do profissional é um atributo necessário para o seu sucesso. Ele dispensa grande parte de seu tempo com as crianças e, potencialmente, seria o adulto mais significativo de suas vidas. Seu papel é, antes de tudo, uma missão, e a USAG acredita que os profissionais devem estar preparados para lidar com os vários aspectos de vida da criança como autorrealização e autoestima, por exemplo, e não apenas com a técnica e o aprendizado de habilidades.

O Canadá é o pioneiro em programa de capacitação e de certificação de profissionais do Esporte na América do Norte e que iniciou em 1976. O objetivo é oferecer uma base de conhecimento que abrange da iniciação ao alto nível; elevar o padrão de ensino; auxiliar no desenvolvimento do profissional; padronizar o ensino da Ginástica; estabelecer níveis de qualificação dos profissionais e critério-base para sua seleção em diversas instituições como clubes, escolas e Universidades; manter informativo de divulgação nacional para os profissionais; e desenvolver a excelência na instrução do Esporte (CAC, 1994). Na GA, implantou-se uma expansão do nível inicial, ou seja, subníveis como Ginástica de Exibição, Ginástica pré-escolar e Ginástica recreativa (RUSSELL, 1994). O objetivo desses subníveis é atingir aqueles que não têm intenção de ascender para os níveis subsequentes, mas aprofundar seus conhecimentos e ampliar sua atuação nesse nível. No Canadá a organização Esportiva é indiscutível, e tamanho foi o seu sucesso que diversos países buscam apoio para estabelecer programas semelhantes.

Na Austrália a Australian Gymnastics Federation (AGF) o único órgão administrador em todo o país, é responsável pelo desenvolvimento, implementação e monitoramento da qualidade dos programas

de formação profissional e pelo estabelecimento do National Accreditation Scheme (NAS), um sistema de certificação dos profissionais. O NAS pauta-se na filosofia de que o desenvolvimento do profissional é um processo gradual e contínuo de aprendizagem. A combinação de curso, prática em campo e avaliação constitui o processo de “autorização”. É necessário que os profissionais completem, anualmente, um curso de atualização para que possam manter a sua “autorização” para atuar (SCHEMBRI, 2000). O ponto forte da Austrália é o desenvolvimento de um sistema nacional integrado e a competência das agências de distribuição, públicas e privadas. O reflexo desse sistema estendeu-se em todos os níveis do Esporte na Educação Física escolar e na administração das grandes organizações nacionais de Esporte (SCHEMBRI, 2000).

Podemos observar, a partir desses exemplos, que diversos conteúdos podem ser trabalhados na formação e no aperfeiçoamento dos profissionais da GA, que atuam em diversos níveis de prática da modalidade, da iniciação esportiva ao alto nível. Ao comparar com a realidade brasileira, acreditamos que no nosso país a formação profissional para atuar na GA seja insuficiente. Esse fato também pode ter impacto na baixa popularidade da modalidade no Brasil, pois um sistema de formação profissional é essencial para o desenvolvimento do Esporte (NUNOMURA, 2004). De acordo com Campbell (1993), o sistema de educação para técnicos é amplamente determinado pela cultura, política e tradições do país. Portanto, não há um modelo ideal a seguir, mas certos princípios em comum deveriam ser considerados. Esse cenário nos leva a ponderar sobre a importância de se desenvolver, também no Brasil, um Programa de Formação e Certificação para a GA. O objetivo deste artigo é identificar o que os profissionais brasileiros pensam sobre a implantação de um programa de formação de técnicos de GA no Brasil.

Procedimentos metodológicos

Fizeram parte deste estudo de campo 36 técnicos, que atuam em todas as categorias competitivas da GA e que concluíram a graduação em Educação Física ou em Esporte. Eles completaram o ensino superior em instituições públicas ou privadas do Brasil e possuem 13.34 ± 1.52 (média e desvio padrão) anos de experiência no ensino da GA. Atuam em importantes centros de formação e treino de ginastas no

Brasil. E, são afiliados à CBG e participam de torneios e campeonatos brasileiros organizados pela mesma.

Por meio de entrevistas semiestruturadas, levantou-se a opinião e a justificativa desses profissionais sobre a implantação de um Programa de Formação e Certificação para a GA no Brasil, visto que há programas em outros países, conforme indicado anteriormente. Foi feita a seguinte pergunta-chave a todos os participantes: "Quais seriam os aspectos positivos e/ou negativos da implantação de um "Programa de Formação e Certificação para Técnicos de GA no Brasil?" Para aqueles que não compreenderam o que seria um Programa de Formação e Certificação, foi citado o Programa do Canadá como exemplo. Os depoimentos das entrevistas foram gravados e transcritos na íntegra.

Para o tratamento dos relatos dos profissionais, adotamos a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2004). O método é definido por um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a interferência de conhecimento relativo às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), interferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

O processo da análise de conteúdo envolve: (1) a coleta dos depoimentos; (2) o levantamento das unidades de registros; (3) a síntese das unidades de registro; (4) a categorização; (5) a interferência e a interpretação dos resultados.

A partir da leitura do conteúdo dos depoimentos, pudemos identificar três categorias distintas: aqueles que são favoráveis à implantação de um Sistema de Certificação para técnicos; aqueles que não se posicionaram nem a favor nem contra; e aqueles que são contra tal implantação. A partir da definição destas categorias, as respostas foram reduzidas em unidades de significado, para posterior análise, discussão e confronto com a literatura, conforme sugere o processo de análise de conteúdo.

Resultados e Discussão

Do ponto de vista quantitativo, observamos que 31 técnicos (86,11%) são favoráveis à implantação de um sistema de formação para os profissionais que atuam na GA, quatro (11,11%) são neutros ou não opinaram e um (2,78%) é contrário. A seguir, apresentamos a

análise dos aspectos mais relevantes em cada uma das categorias levantadas.

Favoráveis à implantação

Os profissionais ressaltaram a necessidade de um sistema que atenda às suas expectativas de conhecimento e que não foram privilegiadas nos cursos de graduação e tampouco em outras fontes. Eles ressaltaram, também, a repercussão de tais sistemas de formação em outros países e acreditam que seja uma das formas de elevar a qualidade do ensino da GA no nosso país: “A respeito de um programa de certificação para técnicos acho que é interessante, pois hoje tem muita gente trabalhando com a ginástica e que não tem conhecimento adequado - questões de segurança, desenvolvimento da criança, cargas aplicadas, etc” disse o técnico oito (T8).

As questões sobre padronização do conteúdo e estabelecimento de níveis de atuação também foram ressaltadas. Os profissionais veem um alto grau de desordem no seu campo de atuação. Segundo o comentário de T1: “Sem o conhecimento adequado, alguns professores fazem com que seus ginastas realizem elementos complexos, sem um trabalho de preparação necessário... além de realizar um trabalho de péssima qualidade, provocando lesões que podem ser gravíssimas em seus ginastas”. A definição de níveis de qualificação contribuiria para aprimorar a intervenção do profissional, que não atuaria em níveis superiores para os quais não estivesse preparado. Infelizmente, esse fato é prática comum no âmbito da GA, pois há carência de profissionais para atender a demanda em diversos setores em que a modalidade se faz presente. É comum encontrarmos situações em que o mesmo profissional é o responsável por diferentes categorias competitivas e atua simultaneamente em níveis técnicos distintos (NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009).

Os técnicos relacionaram a pouca expressividade, o pequeno número de praticantes e a pouca divulgação da modalidade com a carência de profissionais qualificados. Para T1: “Acredito que um Programa de Certificação para Técnicos poderia contribuir também para aumentar o nível do esporte no Brasil”; e para T13: “Se todos os técnicos do Brasil seguissem um mesmo programa, acredito que hoje estaríamos mais difundidos em relação a outros esportes. Além disso, a falta de

conhecimento para se trabalhar a GA se mostra um impedimento para a sua popularização”.

O fato poderia, em certa medida, ser amenizado pela implantação de um sistema de formação específica. A geração de profissionais competentes ampliaria, conseqüentemente, as oportunidades de prática oferecidas à sociedade. Outro aspecto levantado pelos profissionais foi o acesso a esse sistema, em oposição à situação atual, que demanda alto custo (cursos e estágios no exterior e contratação de técnicos estrangeiros).

Em relação aos aspectos que poderiam melhorar a qualificação do técnico, houve um consenso geral de que faltam cursos, desde aqueles que abordam os fundamentos básicos àqueles que tratam de questões técnicas e avançadas da GA; outro consenso foi a opinião de que falta apoio das federações para promover esses cursos. Além disso, muitos sentem falta de intercâmbio entre os próprios técnicos do país: “vejo a dificuldade de se conseguir implantar um programa que realmente seja efetivo, pois existe muita gente trabalhando com a GA e que não mantém contato com as Federações e nem mesmo com outros profissionais da área” relata T10. Infelizmente, existem aqueles que não fazem ideia de suas atitudes e sua importância no ambiente da GA, pois são apenas reprodutores das atividades que tiveram em seus treinamentos, desenvolvendo uma prática irrefletida (NUNOMURA; NIS-TA-PICCOLO, 2003). É de suma importância que o profissional tenha atitudes de uma formação continuada, como a troca de vivências com outros profissionais (THOMMAZO, 2006). Esse seria um ponto a ser melhorado, pois o comportamento do profissional vai além do que qualquer curso de formação poderia oferecer (PERRENOUD, 2002). Assim, é importante a conscientização daqueles profissionais para que a existência de mais cursos e eventos seja realmente necessária e proveitosa.

Foram apontados outros aspectos, como opina T17: “Além da divulgação precisaríamos de espaços físicos adequados ao alcance da população para prática consciente e motivante para a formação de técnicos e ginastas.” Esse aspecto também é importante, se observarmos o exemplo do programa Australiano, onde o impacto do sistema reflete-se em todos os níveis do Esporte, na Educação Física escolar e na administração das grandes organizações nacionais de Esporte (SCHEMBRI, 2000). Em outras palavras, uma estrutura organizacional que possibilite o desenvolvimento do programa Brasileiro. O pro-

grama Canadense procura identificar as necessidades da sociedade; facilitar o acesso e distribuição dos serviços; desenvolver parceiros para facilitar uma abordagem de integração à educação do Esporte; policiar o Esporte em todas as suas dimensões: formação profissional, administração, mídia, pais, órgãos governamentais, patrocinadores, arbitragem, entre outros.

Existe um consenso geral de que uma formação específica para os técnicos de GA é positiva para a nossa realidade, pois eles veem muitos profissionais que desenvolvem a GA com pouca fundamentação e pouco conhecimento. Entretanto, há uma ressalva para que não se faça uma cópia de outros programas e sim, a criação de um programa próprio.

Neutros ou não opinaram

Ainda que sejam poucos, alguns técnicos têm dúvidas sobre a repercussão da implantação de tal sistema, pois acreditam que a especificidade na formação poderia limitar o campo de atuação desse profissional, ou seja, acreditam que é contrário ao sistema atual de formação superior, que é generalista e amplia as possibilidades no mercado de trabalho. Outros técnicos demonstram muita preocupação com a saúde dos praticantes, antes de se pensar nos resultados dos mesmos, segundo T36: “Espero que os supostos técnicos sejam antes de tudo Educadores Físicos e posteriormente capacitados para a função de técnico.”

Ainda parece haver um lapso na visão dos profissionais sobre a gama de possibilidades da GA, em que são esquecidos os níveis recreativos, intermediários ou de formação esportiva. A GA fez e deve fazer parte da Educação Física no contexto acadêmico como uma das manifestações da “ginástica como área de conhecimento” mas, para tanto, é preciso rever os delineamentos da mesma nos cursos superiores (RINALDI, 2004).

Outro aspecto duvidoso do ponto de vista dos técnicos é a cópia de um modelo “enlatado” que não atenderia às nossas necessidades reais e estaria fora do nosso contexto. Para T5: “Seria interessante padronizar o ensino e os profissionais da área, mas não vejo a necessidade de copiar um método, mas sim criar um”; e para T33: “Apenas devemos ter o cuidado, para não se utilizar de um programa de outro país, que tem suas próprias características, cultura, etc. E simplesmente aplicá-

lo em nosso país sem ser capaz de adaptá-lo e adequá-lo à nossa realidade”. A existência de corpo docente qualificado que possa conduzir tal sistema também foi uma dúvida gerada por esse grupo. Acrescido a necessidade de melhoria geral em infraestrutura, é importante ressaltar que a qualidade do ensino é um dos fatores essenciais para o desenvolvimento do Esporte e de sua qualidade. Para um país atingir seu potencial máximo no Esporte, é vital que haja um programa nacional bem estruturado de educação do profissional (CAMPBELL, 1993).

Aqueles que não opinaram justificaram-se por ainda não terem muita experiência no ensino da GA, o que os impossibilitaria, no momento, de traçar um parecer sobre a situação atual dessa modalidade. Provavelmente, esses necessitariam de um tempo maior de atuação para concluírem se a formação que obtiveram é satisfatória ou não.

Desfavorável à implantação

Para T12 há a crença que a especificidade da formação é interesse de uma minoria e, portanto, não justificaria a implantação de um sistema dessa natureza no país. Possivelmente, a ideia é que isso se prestaria a um nível técnico diferente daquele que atua o profissional. Ou, não há consciência da importância da especificidade de conhecimento em qualquer nível esportivo, pois o mesmo atua em âmbito escolar e esporte participativo, sem vistas ao alto nível. Essa crença se deve a condição histórica da disciplina GA nos cursos superiores. Embora houvesse amplas mudanças no processo de desenvolvimento da disciplina, essas se deram na esfera tecnológica e técnica, voltadas para a modalidade esportiva de alto nível, enquanto em relação ao caráter teórico-pedagógico não houve alterações aparentes (RINALDI, 2004). Assim, muitos profissionais não cultivam a ideia de que os cursos específicos poderiam abranger conteúdos importantes para a atuação em diferentes níveis da GA, como ocorre nos modelos internacionais.

Considerações finais

A partir da presente investigação, podemos observar que a maioria dos nossos técnicos de GA tem preocupação em relação ao seu aprimoramento e a qualidade de sua atuação. Mas, um dos grandes entraves é a falta de incentivo de diferentes instâncias, seja dos órgãos que

administram a modalidade, ou dos próprios currículos dos cursos superiores. Assim, seriam favoráveis a existência de um programa de formação profissional na GA.

Conforme exposto, há países que criaram sistemas de formação para os profissionais que pretendem progredir na carreira esportiva. Sobretudo no Canadá e na Austrália, os sistemas repercutiram em nível nacional e, atualmente, as instituições se baseiam em seus respectivos níveis de qualificação e certificação como critérios para a contratação dos profissionais em vários segmentos. A organização do Esporte canadense é indiscutível e o impacto do seu sucesso repercutiu em diversos países.

Entre os profissionais entrevistados, aqueles que atuam no alto nível da GA demonstraram “sede de soluções” para os problemas que vivenciam no cotidiano da prática. Certamente, é o grupo de profissionais que mais necessita de aperfeiçoamento e, contraditoriamente, se depara com poucas alternativas. Para resolver essa questão, alguns deles têm optado em sair do país ou buscar apoio de técnicos do exterior, o que não podemos considerar uma alternativa acessível à grande maioria das instituições.

Alguns técnicos acreditam que os cursos específicos são importantes somente para quem atua no alto nível. Entretanto, como visto nos exemplos internacionais, os cursos abrangem diversos níveis de atuação profissional, e normalizam a ação dos mesmos em âmbito nacional. E também proporcionam bases preparatórias para que a ascensão de níveis seja adequadamente obtida; o que minimiza os episódios relatados pelos profissionais entrevistados, sobre a atuação “experimental” do técnico com o ginasta quando há progressão de níveis competitivos. É necessário apoiar um sistema que privilegie o desenvolvimento do Esporte como um todo e, principalmente, a formação de diferentes profissionais que atuem com os praticantes em geral até os ginastas de alto nível.

No Brasil, um sistema de formação de profissionais parece ir de encontro às necessidades daqueles que atuam ou pretendem atuar na GA. A vantagem de um sistema dessa natureza é gerar perspectivas na carreira esportiva e também de garantir a qualidade da instrução com profissionais mais preparados. E, não menos importante, assegurar o espaço de atuação dos técnicos, pois muitos profissionais ganham espaço no mercado de trabalho devido a sua experiência de ginasta e/ou de seu prestígio por conta de títulos conquistados. Fator que pode

contribuir para a qualidade de atuação do profissional, mas que não é essencial e muito menos determinante.

O perfil do técnico que se espera, partindo-se da suposta existência de um Programa para a formação de técnicos de GA, é de um profissional que tenha compromisso e responsabilidade com a qualidade de ensino do esporte, tendo em vista sua função pedagógica e ética. O comprometimento do técnico pode ser demonstrado no conhecimento e respeito aos limites e potenciais reais de seus ginastas, primando por sua saúde e, conseqüentemente, qualidade de vida. Além disso, é extremamente desejável que ele esteja envolvido com estudos e pesquisas nessa área, que busque sempre seu aperfeiçoamento e sua atualização. Acreditamos que alguns técnicos se equivocaram ao pensarem que para se tornar um bom profissional a experiência e o conhecimento bastariam. Há a necessidade de ir além, manter-se atualizado, estar em permanente contato com outros profissionais, adotar uma postura de observação e reflexão sobre a própria atuação, ser flexível e estar suscetível a mudanças (PERRENOUD, 2002).

Reflection on coaching education in Artistic Gymnastics

Abstract

This study discuss about the education of professional involved in Artistic Gymnastics. Thirty-six coaches were interviewed, who are working in different institutions. They reported their opinions about the implementation of a "Coaching Certification Program in Artistic Gymnastics in Brazil". Through the content analysis of the coaches' comments the majority reported in favor of the implementation of a program, and has justified their position supported by the prospect of career progress and more specific objective approach than the existing ones in the undergraduate courses. Specific education seems to be urgent, as the need for knowledge to coach Artistic Gymnastics, at any level, is increasingly evident.

Keywords: Gymnastics. Training. Teaching.

Reflexión en formación profesional en la Gimnasia Artística

Resumen

El actual estudio levanta una pelea en la formación del profesional en la gimnasia artística. Treinta y seis profesionales habían sido entrevistados con quién el acto en la modalidad en diversas instituciones, de que había pensado en la implantación de un "programa de la formación para los profesionales de la gimnasia artística en Brasil". Para el análisis del contenido de los comentarios la mayoría reveló favorable a la implantación de un programa, y justificó se apoyada en la perspectiva del progreso en la carrera y subir de objetivos más específicos de lo que cursa la graduación. La formación específica se parece ser una necesidad inesperada, por lo

tanto la necesidad del conocimiento a actuar en la gimnasia artística, en cualquier nivel, es cada hora más evidente.

Palabras clave: Gimnasia. Capacitación. Enseñanza.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

COACHING ASSOCIATION OF CANADA (CAC). **A Passport to better coaching**. National Coaching Certification Program. Ontario, 1994.

CAMPBELL, S. Coaching Education Around the World. **Sport Science Review**, v.2, n.2, p.62-74, 1993.

ESCOLA NACIONAL DE GINÁSTICA (ENGYM). **Federação Portuguesa de Ginástica**. Lisboa, 1999.

FIGUEIREDO, J. **A disciplina Ginástica Artística na formação do licenciado em educação física sob a perspectiva de docentes universitários**. 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade)–Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

FONSECA, P. Especial - Meninas da ginástica na corda bamba. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 24 set. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,especial-meninas-da-ginastica-na-corda-bamba,840015,0.htm> >. Acesso em: 26 fev. 2013.

MOSKOVITZ, D. United States Gymnastics Development Program. IN: UNITED STATES GYMNASTICS FEDERATION CONGRESS. **Proceedings**, p.55-58, 1991

NUNOMURA, M. **Técnico de ginástica artística: quem é esse profissional?** 2001. 181 f. Tese (Doutorado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

_____. A Formação dos Técnicos de Ginástica Artística: os modelos internacionais. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 3, p. 63-69, set., 2004.

NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L. A Ginástica Artística no Brasil: Reflexões sobre a Formação Profissional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.24, n.3, p.175-192, maio, 2003.

NUNOMURA, M.; PIRES, F.; CARRARA, P. Análise do Treinamento na Ginástica Artística Brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 25-40, set., 2009.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P.; CARBINATTO, M. Análise dos objetivos dos técnicos na Ginástica Artística. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 95-102, 2010.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P.; TSUKAMOTO, M. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 305-14, jul./set., 2010.

OLIVEIRA, W. Ginástica. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 10 out. 1997. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/fsp/esporte/fk101021.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2013.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PINTO, H.; BARATA, P. Ginástica é Movimento: Ginástica - O homem em movimento e sua análise. **Revista Desporto**, v.1, n.30, p.4-15, 1999.

PÚBLIO, N. **Evolução Histórica da Ginástica Olímpica**. São Paulo: Phorte, 1998.

RINALDI, I. **A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em educação física: encaminhamentos para uma estruturação curricular**. 2004. 232 f. Tese (Doutorado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

RUSSELL, K. The Year of the Coach. In: NATIONAL COACHING CONFERENCE, 1994, Canberra. **Anais...** Canberra: National Convention Centre, 1994.

SCHEMBRI, G. Coach Education in Australia. In: PRE-OLYMPIC STUDY SEMINAR, 2000, Roma. **Anais...** Roma, May, 2000.

THOMMAZO, A. **Superando dificuldades no trato da ginástica artística na prática profissional de professores iniciantes de educação física.** 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade)–Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

Recebido em: 29/02/2012

Revisado em: 17/05/2012

Aprovado em: 23/10/2012

Endereço para correspondência

mnunomur@usp.br

Myrian Nunomura

Universidade de São Paulo

Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto

Av. dos Bandeirantes 3900

Monte Alegre

14040-907 - Ribeirão Preto, SP - Brasil